

De encontros e desencontros

Projeto urbanístico e mobilidade da população são causas da dificuldade de integração entre as pessoas

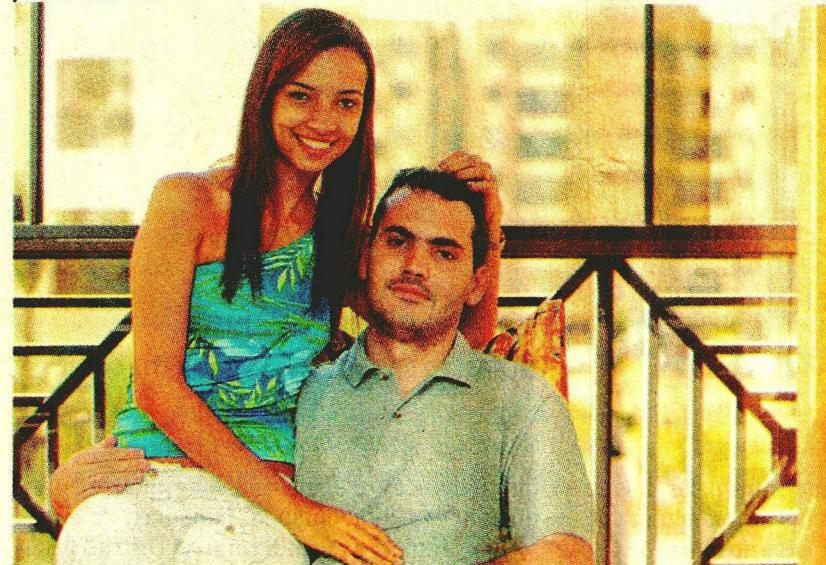
DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

Com linhas retas, pilotis abertos e amplo horizonte, o moderno projeto urbanístico e arquitetônico de Brasília é elogiado mundialmente. Para muitos visitantes ou recém-chegados, no entanto, o projeto de Lucio Costa dificulta a interação entre os moradores. A falta de esquinas e pontos de encontro é apontada como um dos motivos do distanciamento. "A estrutura da cidade torna a aproximação das pessoas quase impossível", critica o economista carioca Bruno Moretti, 24 anos, que se mudou para a capital em agosto de 2004 para trabalhar no Ministério do Planejamento.

Apesar de morar na cidade há oito meses, o ciclo de amizade de Bruno se restringe aos colegas de trabalho. "O telefone de casa é praticamente para ligações interurbanas", comenta. Mesmo nas saídas com os colegas ou com a mulher, a enfermeira carioca Juliana Moretti, 27, ele sente dificuldade em conhecer novas pessoas. "Como não há esquinas, os grupos combinam de se encontrar num determinado local e não se abrem para outros grupos", afirma.

Jose Varella/CB/16.4.05



JULIANA E BRUNO, HÁ OITO MESES EM BRASÍLIA: TELEFONEMAS SÓ DA FAMÍLIA DISTANTE

O estudante de Direito na Universidade de Brasília (UnB) Bruno Fischgold, 23, sentiu a mesma dificuldade. Natural do Rio de Janeiro, ele deixou a

entre os moradores da cidade é a mobilidade da população. Com a troca de governo de quatro em quatro anos e a dança das cadeiras nos órgãos pú-

cidade natal há 12 anos, quando o pai se mudou para a capital para trabalhar. "No começo estranhei tudo, o clima, a organização da cidade e até os moradores. Tive muita dificuldade de me adaptar", lembra. Depois de mais de uma década na cidade, no entanto, Bruno passou a contar com uma rede ampla de amizades e, mesmo com o retorno dos pais para o Rio de Janeiro, decidiu ficar em Brasília.

Ponte aérea

Outra característica apontada como motivo da falta de integração

úlicos, as mudanças fazem parte do cotidiano na sede da política nacional. Muitos, nos finais de semana, embarcam para a cidade natal. O aeroporto de Brasília é o terceiro em movimento no país.

Como o custo da ponte aérea pesa no orçamento, o jeito é recorrer a artifícios menos onerosos, como os meios de telecomunicação. Nas áreas onde o índice de migração é elevado, a presença de tecnologias que permitem o contato à distância é marcante. A região administrativa que apresenta o maior percentual de migrantes é o Sudene. Do total de habitantes, 21,2% chegaram ao Planalto Central nos últimos cinco anos. No bairro, 97% dos moradores possuem celular e 70% têm computadores conectados à internet.

Se para muitos Brasília é a capital da solidão, outros sustentam que a cidade é um enorme palco de encontros. O doutor em Arquitetura pela Universidade Técnica de Berlim e professor da Universidade de Brasília (UnB) Gabriel Dorfman é um deles. Para o arquiteto, o Distrito Federal funciona como ponto de encontro de moradores das mais diversas regiões. "É muito comum ver casais constituídos na capital com duas pessoas de regiões diferentes. A cidade promove encontros", destaca.